



Revista *aSEPHallus* de Orientação Lacaniana
Núcleo Sephora de Pesquisa sobre o Moderno e o Contemporâneo
ISSN 1809 - 709 X

A fina ação do pai

Jacqueline Danielle Pereira

Orcid: 0000-0002-0484-0870

Psicóloga

Mestranda em Psicologia pela Universidade Federal de Uberlândia / UFU (Uberlândia, Minas Gerais, Brasil)

Orientanda

Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia, Campus Umuarama (Uberlândia, Minas Gerais, Brasil)

Bolsista da CAPES

E-mail: jacquelinedaniellepereira@hotmail.com

João Luiz Leitão Paravidini

Orcid: 0000-0002-2685-3808

Orientador

Doutor em Ciências da Saúde (Saúde Mental) pela Universidade de Campinas / Unicamp (Campinas, São Paulo, Brasil)

Pesquisador do Núcleo de Pesquisa em Psicanálise e Saúde Mental do Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia / UFU (Uberlândia, Minas Gerais, Brasil)

Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia, Campus Umuarama (Uberlândia, Minas Gerais, Brasil)

E-mails: jlparavidini@gmail.com; paravidini@ufu.br

Anamaria Silva Neves

Orcid: 0000-0002-7722-8690

Doutora em Psicologia pela Universidade de São Paulo / USP (Ribeirão Preto, São Paulo, Brasil)

Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia, Campus Umuarama (Uberlândia, Minas Gerais, Brasil)

E-mail: anamaria.neves@ufu.br

Resumo: O presente artigo parte da indagação sobre o que é o pai, ser vivente, na atualidade. Aliado a dois produtos culturais como recurso ilustrativo, uma música francesa e seu videoclipe, este trabalho objetiva discutir a relação entre a masculinidade e a paternidade, bem como os efeitos do contemporâneo em uma e outra. Para isso, percorre-se alguns escritos de Lacan, além de trabalhos de comentadores freudo-lacanianos. Ao final, depreende-se que a paternidade é constituída pela adoção de um filho, ou seja, é um ato simbólico. O pai, ainda que abalado por um discurso que não sustenta sua função, persiste, mas é convocado e comparece de um modo diferente: o pai-testemunha, aquele que dando mostras de seu desejo, toca o desejo do filho.

Palavras-chave: Pai; Paternidade; Masculinidade; Pai-testemunha; Contemporâneo.

Father's refined action: The present article starts from the question about what the father is, as living being, nowadays. By using two cultural products as a illustrative resource, a French music and its videoclip, this work aims discuss the relation between the masculinity and the fatherhood, as well as the effects of contemporary thought on both. In order to achieve this, it goes through some of Lacan's writings, alongside freud-lacanian commentators' works. In the end, it appears that fatherhood is constituted by the adoption of a son, this is, a symbolic act. The father, although shaken by a discourse that does not support his function, persists, but yet summoned and attending in a different way: the father-witness, the one who showing his desire, touches the son's desire.

Key-words: Father; Fatherhood; Masculinity; Father-witness; Contemporary.

L'action raffinée du père: Cet article part de la question de savoir ce qu'est le père, l'être vivant, dans l'époque actuelle. À l'aide de deux produits culturels utilisés comme ressources illustratives, une chanson française et son vidéoclip, ce travail vise discuter de la relation entre la masculinité et la paternité, ainsi que les effets du contemporain sur les deux. Pour cela, il passe par certains écrits de Lacan, et aussi par des travaux de commentateurs freud-lacaniens. Après tout, il semble que la paternité soit constituée par l'adoption d'un fils, c'est-à-dire un acte symbolique. Le père, bien que secoué par un discours qui ne supporte pas sa fonction, persiste, mais il est convoqué et assiste d'une manière différente: le père-témoin, celui qui, manifestant son désir, touche le désir du fils.

Mots-clés: Père; Paternité; Masculinité; Père-témoin; Contemporain.

A fina ação do pai

Jacqueline Danielle Pereira, João Luiz Leitão Paravidini & Anamaria Silva Neves

Abertura

O arcabouço teórico psicanalítico sobre a questão da função paterna é amplo e diverso. O tema é caro aos psicanalistas e tem razão de sê-lo. Freud e Lacan arrimam suas teorias em torno do pai, precisamente, o pai enfraquecido. Por um lado, porque apontam a decaída da potência paterna como fato de estrutura; por outro, porque Freud (1967 como citado por Wiener, 2016), particularmente, ao relatar a degradação sofrida pelo pai por um antisemita em um de seus textos, parece evidenciar que sua aspiração a ser um grande homem fora instigada por um episódio em que o pai fora desvalidado, e, daí, surge a psicanálise (Wiener, 2016). Face a isso, depreende-se que o pai é central na teoria psicanalítica e sempre retomado, questionado.

O pai ocupa lugares variados, é condição de estruturação, representante da lei, instaurador da metáfora paterna, via de acesso à linguagem. Por vezes, porém, não se sabe exatamente a que pai está se referindo. Há o pai simbólico, imaginário, real. Há o pai e o Nome-do-pai. Mas e o pai encarnado, vivente, enquanto cumpridor da paternidade, em que ponto dessa urdidura ele entra? Frequentemente, na psicanálise, ele aparece como permutável, ora pode ser humano, ora pode ser algo abstrato. A mãe não, esta é uma pessoa que tem um lugar mais notadamente determinado e que está relacionado à maternagem. Inclusive, critica-se o uso de objetos que tentam substituir a mãe.

Parece essencial falar do pai, mas antes, carece tratar da paternidade. De modo particular, discutir a paternidade masculina, visto que esta encontra-se atravessada por uma problemática contemporânea. Sendo assim, como estão os homens desta época? E como eles estão em relação a assumir a paternidade?

Bem, inicialmente, há de se diferenciar o pai como significante e o pai como agente social. O primeiro é agente da metáfora paterna, aquele que, por meio da introdução de um significante, substitui o significante da mãe, separa a relação simbiótica entre mãe e filho, estado inerente ao filhote do ser humano. Esta história já é lugar-comum. Por sua vez, do segundo, o pai como agente social, pouco se fala. Sobretudo, é sobre este pai que se pretende tratar neste trabalho.

Prestes a escrever este trabalho, casualmente, depara-se com uma música autoral de origem francesa, cuja letra está em sintonia com as questões elencadas; e com o videoclipe, que ilustra as circunstâncias aqui apresentadas. O cantor é Paul, de origem afro-belga, lançado sob o heterônimo Stromae e conhecido por suas músicas críticas. A música em apreço, intitulada *Papaoutai*¹, revela um pouco de sua vivência filial, como ele próprio reconhece em entrevista. O pai faleceu quando Paul tinha cerca de nove anos. Quando vivo, o contato fora pouco frequente, ele traz a conta na ponta da língua: doze vezes apenas (Sayare, 2013).

Na letra, Stromae (2013) revela inquietações acerca de seu pai. Parece que suas perguntas condizem com as interrogações deste trabalho. Avril², em interlocução com Alencar, atesta que a voz pode veicular marcas subjetivas de um sujeito ou de um coletivo face a um imperativo de silenciamento. Muitas vezes, ela anuncia tais marcas por meio da estética musical. Sendo assim, constitui-se, como coloca Avril², uma solução objetiva frente a um impasse com o Outro, levando a uma certa conciliação entre este e o sujeito.

O objetivo do presente trabalho é evidenciar as contingências do pai-homem na contemporaneidade, servindo-se do diálogo entre a psicanálise e a estrutura de uma produção cultural – a canção e seu videoclipe. Não se pretende analisar a canção, mas tentar aproveitar o que uma escuta caricatural do personagem Stromae (2013) pode render. Já que a sublimação pode se valer do processo artístico, então a arte transmite algo da experiência subjetiva do artista e, aqui, depõe sobre as interrogações feitas. Em outras palavras, é como Avril² declara em relação à música: parece que a música é que nos ouve.

Cena 1: um homem?

Um espetáculo está prestes a começar³. O protagonista chega em um carro estropiado, movimentado por apenas três rodas, que, aliás, não se movimenta, senão pelo empuxo de uma criança detrás do carro. Inerte no interior, o protagonista nem sequer pisca os olhos e, para descer, é carregado por dois seguranças da equipe. Eles o levam até o palco. Em todo o percurso, o corpo dele esteve ereto na horizontal, em total estado de hipertonia. O frenesi da plateia não lhe causa reação alguma.

O show começa. O personagem principal da performance é também o cantor. A música está se desenrolando, porém, quem canta é a criança que também veio ao palco central. O cantor, que se supõe ser quem dá voz à canção, está feito um manequim atrás do microfone. Nota-se: estático atrás do microfone, objeto tão fálico em tempos de culto à liberdade de expressão. Duvida-se que ele esteja a respirar. Será mesmo de carne e osso?

As passagens descritas previamente se aproximam aos dramas familiares cotidianos, no que tange à realidade da figura paterna. Desde o século XX, o pai parece estar tomado de suas forças, o discurso social não confere vigor a elas (Julien, 1993). No entanto, a pessoa-pai parece não fazer muita questão de tê-las, pois quando tem acesso a um quinhão de potência, tem se assustado e dado um passo atrás. Com isso, as crianças tomam o palco central.

A equiparação entre as gerações, outra característica desta época (Kehl, 2013), promove uma lei horizontal que não tem como fim o limite. Por conseguinte, ocorre uma inversão nas relações familiares, consoante a qual os adultos são guiados pelas crianças. Metaforicamente, é o que se vê no vídeo referido, nas cenas, entre outras, em que a criança empurra o carro do pai, vigia-o enquanto dorme e durante o banho.

A velha lamúria popular sobre hoje não ser mais como antes não é desarrazoada: o pai de hoje não é o pai de antigamente. Aliás, os homens de hoje, ou melhor, a masculinidade enquanto estrutura subjetiva e não enquanto sexo, não é como a de outrora. Afastando toda moralidade que pode conter nessas afirmações, pudera! Sabe-se que o discurso social vigente, resultante da convergência entre a ciência e o capitalismo, agencia modos de existir e, conseqüentemente, modos de ser homem. Logo, provoca efeitos na paternidade.

A questão é que ser pai e ser homem estão de mãos dadas. Santiago (1997) correlaciona o pai e a assunção à virilidade por meio da exceção paterna. A lógica da figura excepcional encarnada pelo pai primevo, a qual origina um conjunto de varões, determina que na medida em que há um que não é, pode-se identificar os que são, – pelo menos um não é castrado, os demais são –, o que se dá pela via discursiva (Ambra, 2015). Esse homem que não é castrado motiva o ideal de que há um gozo absoluto que pode ser alcançado, embasando a virilidade, uma fantasia.

Convém tornar claro que virilidade nada tem a ver com ter um pênis, muito menos o falo corresponderia ao pênis; com efeito, a virilidade representa a potência de se desejar um outro. Posto que a castração é representante da inexistência de uma complementariedade, pode-se depreender que só há desejo se há castração. Logo, virilidade, falta e desejo são interdependentes.

Continuando, o “ao menos um”, representado pelo pai primevo, é condição *sine qua non* para a inscrição da castração no homem. A privação pela qual o sujeito passa, em suma, é o que estabelece a condição viril (Teixeira, 1997), posto ser o que principia a possibilidade do laço. Até aqui, já se pode distinguir os dois lados da moeda do pai, um que remete à diferenciação dos sexos e outro que comporta o fazer-se desejo (André & Chabert, 2008).

Entretanto, a tendência moderna ao ‘tudo é possível’ obstaculiza a inscrição da castração. Tem-se então um pai com dificuldades para dar causa a um ideal viril (Teixeira, 1997), isto é, a um sujeito que faz de outrem causa de seu desejo. Pois bem, o homem mesmo está envolto em uma problemática com o desejo agenciada por esse contexto. Tal conjectura incorre em efeitos para a sexualização masculina que parece já não se distinguir por portar o falo, afinal, esse falo (simbólico) não lhe foi transmitido.

O sujeito pai é incumbido da transmissão desse significante da falta. Tendo em conta que a masculinidade se constitui em torno de um objeto nostálgico – sempre perdido ou prestes a se perder (informação verbal)⁴, ela será sempre uma esfinge. Não obstante, o discurso hodierno confere um a mais a isso. Porque a castração, inscritora não só de uma barra no sujeito, mas também do que institui a virilidade (Santiago, 1997), nem sempre encontra as condições para se cumprir na contemporaneidade. Em outra versão, hoje a virilidade carece de um calço. Como em um encadeamento, os efeitos na paternidade se dão porque, pensando com Kojève, se não há porte do falo, não há transmissão deste, então, não se respalda a virilidade (Santiago, 1997).

Haja vista a ideia anterior, o autor ressalta que o homem está mais imbricado com o pai que ele é ou vai ser do que a mulher com a mãe (Santiago, 1997). No encontro dessas condições, ocorre a atualização da pergunta sobre o que é ser um pai no contexto atual, na dimensão da experiência da paternidade, do pai como vivente.

Considerando as dificuldades acrescentadas ao sustentar do desejo, como estaria para o homem o assentimento – ou não – à paternidade? Evidentemente, a paternidade se faz por uma escolha do sujeito e o sujeito se responsabiliza – ou não – por suas escolhas. A partir de Lacan (1986), entende-se que ser responsável por algo se relaciona à capacidade de responder a isso. Pensando não só na opção por ter ou não um filho, mas antes na incumbência de um filho já gerado, na clínica e na cena social, constata-se que a resposta do homem à paternidade hoje está cambaleante, pois que coberta por um discurso que não a sustenta.

Bilac, Oliveira e Muzkat (2000) desenvolveram uma pesquisa com duas gerações de homens (nascidos entre 1937 e 1957 e nascidos entre 1958 e 1972) para investigar a relação de cada coorte com o matrimônio e a parentalidade. Verificou-se que os propósitos do matrimônio sofreram mudanças paulatinas. Na última coorte, a opção por casar-se estava muito mais próxima da escolha pessoal e mais distante de alguma imposição. Soma-se a isso, a ascensão gradual do divórcio como uma alternativa legal e validada socialmente. O matrimônio adquire, assim, uma abertura à liberdade pessoal, indo de encontro à representação da paternidade para os homens, a qual está conformada na “ideia da domesticação da masculinidade, de limites impostos, de regramentos de conduta, de perda de liberdade individual” (p. 17). Os caminhos agora dissonantes fazem com que, idealmente, um contrarie o outro, separando masculinidade e virilidade (Bilac, Oliveira & Muzkat, 2000). As autoras confirmam que a reprodução não é mais mera prova da virilidade masculina.

Stromae (2013), na letra de sua música que está à altura de sua época, denuncia a geração de homens anterior e a sua própria:

Un jour où l'autre on sera tous papa / Um dia ou outro, vamos todos ser papais (...)
Serons-nous détestables? / Seremos detestáveis?
Serons-nous admirables? / Seremos admiráveis?
Des géniteurs ou des génies / Apenas genitores ou gênios? (Stromae, 2013)

Na continuação desses versos, negrita-se a indagação feita: “Dites-nous qui donnent naissance aux irresponsables? / Diga-nos, quem dá à luz aos irresponsáveis?” (Stromae, 2013). Nessa mesma direção, Bilac, Oliveira e Muzkat (2000) pontuam que as possíveis vantagens do franqueamento de novas maneiras de ser pai não dispensam a perquirição sobre como essa postura atinge “o desenvolvimento e o bem-estar social, físico e emocional das crianças por cujos nascimentos esses homens também foram responsáveis” (p. 31).

De carne e osso

O cenário do videoclipe remete aos anos cinquenta, mas algo de muito atual se desenrola. Ora, o pós-guerra anunciava a aurora da modernidade e, com ela, as gerações vindouras desiludidas pelas circunstâncias bélicas. O desbanque dos grandes ideais marcava uma nova época. A família não estaria isenta, tampouco os sexos. Daquela configuração rígida e estável, a família passa a ser fundada pela escolha livre, baseada em relações mais igualitárias e marcada pela aproximação entre as gerações que guarda. Não obstante, há um custo cotado em mal-estar e desamparo, advindo da instabilidade sentida e da nostalgia em relação às famílias predecessoras (Kehl, 2003).

Em um primeiro momento, no pequeno filme, o pai encontra-se estatelado no sofá, depois na mesa da cozinha, depois na fachada da casa, ambientes reconhecidos como lugares de reunião familiar, barulho, vida. O filho inicia sua provocação timidamente, a qual se torna, ao longo do filme, progressivamente mais chamativa. Na fachada, ele brinca com o pai, mas está só. Joga a bola para o pai, este, irresponsivo, recebe uma bolada no rosto e cai como um pai morto – mas, sem a força do pai morto do mito freudiano. Em síntese, o enredo do videoclipe, são as tentativas frustradas de um garoto, na pré-adolescência, evocando o pai a participar da sua vida. A cena lá, remete a Outra cena repetida nas queixas ouvidas na clínica atual com adolescentes e adultos e presentificadas na clínica com crianças: a ausência de uma pessoa que seja um pai.

Observe que o que interessa neste trabalho é o pai, que ocupa o lugar paterno, seja aquele que tem ou teve uma relação com a mãe, cujo fruto é um filho(a), seja um outro que assumiu esse lugar. Isto é, importa aqui o pai como agente social. Até porque o pai que se restringe ao mero doador do espermatozoide nada tem a dizer sobre ser um pai (Julien, 1993).

O pai chamado aqui de pai de carne e osso é o pai como agente social, sócio fundador de uma família. Observa-se que esse pai não deve ser equivalido ao Nome-do-pai, apesar de este poder tomar parte naquele. Tanto é que esse pai participa na constituição do sujeito, quer por meio da sua presença e da assunção da paternidade, quer pela sua ausência e os efeitos acarretados, pois que, daquele lugar, o pai também responde a uma função (a ser tratada mais adiante). E Lacan (2008) chama de função, referindo-se à operação matemática de fato, visto que o seu funcionamento se dá de modo que o manejo de um lado implica mudança no outro, ou seja, há uma relação direta entre seus elementos.

A criança apreende o mundo através do Outro primordial, seus primeiros cuidadores, os quais chamaremos de pai e mãe⁵. Em outras palavras, a língua desse primeiro Outro conferirá significação às coisas transmitidas para a criança e, só assim, será por ela subjetivado (Santiago, 1997). É próprio da condição de criança depender de um outro que cuide não só das suas necessidades, que são da ordem do biológico, mas também das suas demandas, que são da ordem do inconsciente. Contudo, a relação da criança com esse Outro originário ocorre sob um ordenamento psíquico, passando

primeiramente pela mãe, depois pelo pai e então, já alçada à uma suposta independência na adolescência, ela se vira para os objetos na cultura.

O Estádio do Espelho (Lacan, 1998) é o tempo em que a criança se reconhece como um sujeito separado do outro. No interstício entre a simbiose com a mãe e a aquisição de um corpo próprio, há o momento em que a criança olha o espelho, vê-se, reconhecendo-se como um sujeito, e olha para trás buscando alguém na retaguarda para confirmar o que ela está visualizando no espelho naquele instante eterno. Os pais exercem a função referencial simbólica para os filhos; neles, a criança procura pistas pelas quais orientarão seu desejo. O momento ápice da consumação de tal função situa-se no estádio do espelho.

Desse estádio, resulta, primeiramente, o eu ideal, correspondendo a um produto narcísico dentro do qual o sujeito se faz no desejo do outro e para o outro. Ulteriormente, do pai potente, de modo especial, vem o ideal do eu, instância na qual ancora-se o ego e pela qual o desejo se guia (Quintella, 2014). Apesar de o pai potente localizar-se no imaginário, o eu ideal se forja apoiado em um pai externo, do campo simbólico, de tal forma que salva o sujeito do eu ideal, já que o retira do caos do imaginário ao qual pertence este último. Deduz-se a sujeição de um ao outro.

Mediante o estádio do espelho se pode mirar as três facetas de um pai: a Simbólica, a Imaginária e a real. Em suma, seguindo os aportes dados por Julien (1993), a primeira diz respeito ao nome que procede do pai, mas que só se consolida se a mãe assim permite. O discurso materno é o caminho que leva o Nome-do-pai até o sujeito. Ele pode ser vários, há uma pluralidade de Nomes-do-pai. No fim das contas, ele é uma invenção (Lacan, 2005).

Mais além, ao tratar da operação de nomeação desempenhada pelo pai, Flesler (2007a), postula que realmente trata-se da doação de seu nome para o filho, mas não se restringe a isso, ela também se refere ao nome que faz do pai um pai, ao nome que ele recebeu. Disso, vale acentuar que o ser pai se sustenta em mais de uma progenitura (Senna, Bar, Gomes, Guilhon & Kupferberg, 2010), isto é, uma paternidade funda outra paternidade. Na canção, Stromae (2013) quer saber a origem do pai: "Dites-moi d'où il vient / Diga-me de onde ele vem / Enfin je saurais où je vais / Assim saberei para onde estou indo". Sua curiosidade não é desproposital. Quando questionado sobre a letra de sua música por uma jornalista, ele declara que proveio de um sentimento adolescente tal como "Ok, eu odeio meu pai porque ele não esteve aqui", mas "(...) na verdade, a questão é: o que é um pai?, pois daqui a pouco devo me tornar um" (Stromae, 2013, trad. livre). Na premência do vir a ser pai, o sujeito se pergunta sobre aquele outro que é/foi seu pai; o outro, objeto de identificação, fornece subsídios para se posicionar diante das tramas da vida. Localiza-se, desde um movimento retroativo, a importância psíquica da diferença geracional que está em operar em nome da castração.

Retornando aos pais na montagem psíquica real - simbólico - imaginário, tem-se o pai imaginário como corolário de uma imagem ideal calcada pelo próprio sujeito, da qual ele se serve para barrar o desejo materno, só assim podendo se distanciar e realizar-se em uma imagem de si no que

vê refletido (Quintella, 2014). Ao passo que o pai real, conforma um pai certificado pela ciência. Tal certificado não revela nada que seja do interesse do pai animado. Porém, ao mesmo tempo, é o pai real que introduz um não saber sobre o gozo outro – da mãe –, premissa para o agenciamento da castração. Quanto a isso, Lacan assevera que

Para que o complexo de castração seja pelo sujeito verdadeiramente vivido, **é preciso que o pai real jogue realmente o jogo**. É preciso que ele assuma sua função fálica de pai castrador, a função de pai sob sua forma concreta, empírica, diria quase degenerada, sonhando com o personagem do pai primordial e a forma tirânica e mais ou menos horripilante sob a qual o mito freudiano a apresentou para nós. **É, na medida em que o pai, tal como existe**, preenche sua função imaginária naquilo que esta tem de empiricamente intolerável, e mesmo de revoltante quando ele faz sentir sua incidência como castradora e unicamente sob este ângulo – que o complexo de castração é vivido. (Lacan, 1995, p. 374, grifos nossos)

Embora Lacan afirme que a função do pai é principalmente psíquica, é preciso que ela se ampare antes em alguém que entra em cena, veste a roupagem imaginária e faz marca. Iglesias (2001) vale-se do caso Hans para clarear essa noção: “Hans não pode suportar seu pênis real na medida em que este não foi ameaçado pelo pai. Hans desejava um pai que se zangasse com ele e o castrasse. Mas o pai de Hans se obstinava em não querer castrá-lo” (p. 3).

No excerto de Lacan também se esboça um pai em seu surgimento disjunto que, paradoxalmente, é reunido psiquicamente, sendo que um remete ao outro. Se um não se firma, o laço entre o real, o simbólico e o imaginário não se sustém. Flesler (2007b) advoga pelo pai real: mesmo que haja essa pluralidade, para ela é necessário um pai real para dar consistência ao enodamento real-simbólico-imaginário, pelo qual o sujeito se constitui. Desde que cada registro, na tríade enodada, propicie fronteira ao outro, a consistência dos nomes-do-pai é garantida. Em tal caso, “a consistência faria do pai transmissor da lei do desejo” (Flesler, 2007b, p. 60, tradução nossa), do limite.

Acerca-se até aqui de tais elucubrações teóricas para então recobrar uma questão em suspenso: qual das facetas é incorporada pelo pai de carne e osso? Parece que Lacan não tem a pretensão de reduzi-lo a algum registro. O pai é ao menos três, mas não uma tríade, nem somente três. Ainda assim, pode-se conjecturar que a pessoa do pai esteja mais para a função simbólica que para qualquer outra função componente da função paterna. Filiar, como bem considera Recalcati (2018), consiste em um ato simbólico. Por consequência, a derrocada do simbólico incluiria o esfacelamento do que pode um pai? Não completamente, o pai persiste, a função paterna continua existindo. Outrossim, ocorrem mutações, como já explanadas, na paternidade.

Apesar da importância na operação de castração, muitos pós-freudianos delineiam o lugar de quem exerce a função paterna como lugar ocupado por figuras diversas, muito relativo. Julien (1993) compara esse aspecto ao contexto em que o Outro social confere exatidão à mãe, tanto no que diz respeito ao saber da mãe sobre o filho, quanto à certeza de que o filho é legítimo da mãe. Já o pai, não se sabe ao certo. Soma-se a isso a possibilidade trazida pela técnica científica de gerar um filho para uma mãe, prescindindo de um outro genitor de carne e osso. O inverso não é verdadeiro. Perante essas constatações, evidencia-se ainda mais o quão relativo é um pai e, por extensão, a paternidade, enquanto a mãe é absoluta.

De todo modo, contingencialmente, o pai que está no meio ambiente, que se supõe pai, não pode ser trocado, ao menos a princípio. Esse pode ser o pai real, aquele que engendra a hiância entre mãe e filho, mas não necessariamente o pai do simbólico e/ou do imaginário. Ainda mais, somente o suposto filho dirá se é realmente pai, o que significa dizer então que ocupar o lugar de pai para um sujeito passa pela escolha desse sujeito.

À guisa de um desfecho, pode-se afirmar que a carne e os ossos de um pai por si sós não representam coisa alguma. Logo, a paternidade existe em cima de um andor simbólico. Tratar-se-á, a seguir, da fundamentação simbólica por detrás da encarnação do pai.

A/fina/ação do pai

Como já mencionado, os pais são referenciais para as crianças, sujeitos em constituição. Na pós-modernidade, a partir da incidência de uma inversão na lógica familiar, conforme a qual os filhos são os que determinam a vida dos pais e, pela insegurança face ao amor dos filhos, renunciando que um "não" esfacelaria tal afeto, eles se acuam e deixam-se vencer, impera assim uma lógica narcísica, em que não se suporta o desencontro de dois seres diferentes. Como efeito, a criança muitas vezes encontra-se à deriva (Kupfer & Bernardino, 2016). Quando pode contar com a mãe, a criança tem a possibilidade de fazer a escolha – forçada – de se questionar sobre o pai.

A pergunta surge quando o significante doado pela mãe já não dá conta de significar um sujeito, colocando este à caça de outro significante. Surge a distância em relação àquele significante, a qual propicia a entrada da metáfora paterna, ou seja, do pai, inscrevendo um significante no lugar do significante do desejo materno. A peculiaridade dessa metáfora é que ela ocorre a partir de um significante faltoso – posto que não deu conta da pretensa missão. Dessa forma, o que resta ao pai é inserir no Outro o significante da falta (-φ) (Vidigal, 1997). Isso se dá por meio da transmissão de sua própria falha, que gera um furo cujo efeito é a apropriação do sujeito de seu próprio desejo (Dias, 2013). Daí que se pode dizer novamente que o pai pode ser o Nome-do-Pai ou apenas o pai.

A referida indagação se dirige à mãe, já que o pai é aquele para o qual o desejo da mãe está direcionado e por ele autorizado. Stromae (2013) canta as respostas recebidas:

Maman dit que lorsqu'on cherche bien / Mamãe diz que quando você procura bem
On finit toujours par trouver / Sempre acaba encontrando
Elle dit qu'il n'est jamais très loin / Ela diz que ele nunca está muito longe
Qu'il part très souvent travailler / Que ele vai ao trabalho muitas vezes (Stromae, 2013)

Julien (1993) traça o percurso histórico em torno da paternidade. Interessa realçar como ela perpassa os séculos sustentada em uma estrutura simbólica. O autor dá mostras disso ao descrever o costume de colocar o recém-nascido no chão para o pai levantá-lo em seus braços, demonstrando aceitar aquela criança como sua (Julien, 1993). É uma situação com enredo simbólico. Como o pai é sempre incerto, alguém tem de dizer: este é seu pai! Cabendo ao pai então assumir e dizer: eu sou seu pai, meu filho. Até porque, no que toca à função parental, a dimensão biológica jamais bastaria, é preciso adotar a existência de um filho. Por isso, o pai existe no nível do simbólico, resultante de uma adoção (Recalcati, 2018).

Há um pai, seguindo o pensamento de Recalcati (2018), quando uma pessoa assente com a responsabilidade diante da vida de um ser, tomando para si uma responsabilidade imensurável, de tal forma que um muda a vida do outro para sempre. O que não significa que esse ser seja objeto de seu pai, mas sim que este se compromete com os direitos do filho, "direitos não só de conservar a vida, mas também de entrar no mundo da cultura e a integrar-se na sociedade dos adultos" (Julien, 1993, p. 23, tradução nossa). Essa noção simpatiza, mais uma vez, com aqueles trechos de Stromae (2013):

Un jour ou l'autre on sera tous papa / Um dia ou outro, vamos todos ser papais
Et d'un jour à l'autre on aura disparu / E de um dia para o outro, desapareceremos
Serons-nous détestables? / Seremos detestáveis?
Serons-nous admirables? / Seremos admiráveis?
Des géniteurs ou des génies? / Apenas genitores ou gênios?
Dites-nous qui donnent naissance aux irresponsables? / Diga-nos, quem dá à luz aos irresponsáveis?
Tout le monde sait comment on fait les bébés / Todo mundo sabe como fazer bebês
Mais personne sait comment on fait des papas / Mas ninguém sabe como fazer papais
(Stromae, 2013)

A valer, não é simples fazer papais! A responsabilidade que os toca é da ordem do impossível, dado que o pai, detentor do distintivo da lei, é o que propicia ao sujeito experienciar a falta e o limite: nem tudo lhe é possível, nem de tudo se goza, tampouco se sabe (Recalcati, 2018). Para Lacan (1975), o impossível é o que não cede à representação: o real. Fazer a experiência do impossível é, então, encontrar-se com a fronteira do humano, o término da linguagem, um mundo obscuro, não

acessível. Demarca-se aqui a fina ação do pai entre os registros real e simbólico, que, para desempenhá-la, é preciso que ele seja como um maestro que rege dois coros equilibrando-se em uma corda bamba suspensa entre um e outro.

Na vertente musical, a afinação pretende alcançar um som análogo a outro, contudo, presumivelmente com um timbre díspar. Do mesmo modo, na dimensão da função paterna, a fina ação implica o pai transmitir ao filho um acorde que se traduza em um conjunto harmônico entre lei e desejo para que, desse modo, o filho encontre sua própria dança diante do gozo. Jamais com o intuito de que o filho se torne marionete no espetáculo do pai.

A voz do pai convoca o sujeito ao desejo, pois que o pai também é desejante e experimentou essa falta instauradora do desejo. A fineza dessa tarefa se encontra na sincronia entre a criança e o pai. Vê-se o oposto disso no clipe: a criança e o adulto estão dessincronizados. A criança que emana sua voz àquele corpo adulto inerte que é cantado, mas que ao mesmo tempo é o criador de tudo para aquela criança.

Lacan (1995) alega que se há um significado no complexo edipiano, é essencialmente porque ele incumbe a mediação entre o simbólico e o real a quem tem a palavra e fala, que é o pai – que está de corpo presente. Improvável ao pai de corpo ausente, como no caso do pai da inseminação artificial, haja vista que este não enuncia (Brousse, 2018). Logo, entende-se que assim comporta-se um pai, sob a égide da palavra. A palavra é o recurso que o pai lança mão para escrever a lei.

À medida que a palavra se descredita, o pai se vê escasso de um recurso grandioso. Julien (1993) e Recalcati (2018) parecem concordar que tal conjuntura insinua efeitos, o que, por sua vez, não seria motivo para lamentos nem sequer satisfação. Com Recalcati (2018), lança-se a hipótese de que a configuração social exige e, a um só tempo, agencia uma nova modalidade de ser pai, que o autor chama de Pai-testemunha:

O pai-testemunha é o que resta nessa época de evaporação do pai, não mais o pai-autoridade. O pai-testemunha é o pai que mostra em carne e osso, a força, a vitalidade do próprio desejo. Ele insiste sempre que há a experiência do desejo que se encarna e que contagia o desejo do filho. (informação verbal)

A própria operação de nomeação se dá a partir de um empreendimento. Flesler (2007b) afirma que a nomeação não se realiza com a palavra paterna por si só, mas somente se imbuída de um potencial de ação. A autora depreende de Lacan (1975), quando este cruza ser pai com colocar uma mulher como a causa de seu desejo, que é dando mostras de ser desejante que o pai transmite, atuando, sua condição de castrado.

Flesler (2007b) ainda sustenta que reconhecer um filho, por meio da palavra, é um ato de desejo. Tal ato se verte na assinatura do desejo pelo filho, bem como no apontamento de um outro,

com quem divide um filho, como causa de seu desejo. Desta feita, o pai inscreve a lei do incesto, prestando testemunho do desejo e da falta concomitantemente.

O pai das décadas passadas, tal qual aquele representado nos primeiros parágrafos do conto "O Pai", de Machado de Assis (1866), um pai de "rosto severo e enérgico", "olhos profundos, serenos, perscrutadores, [que] pousavam em alguém como se foram os olhos da consciência; e ninguém os sofria por muito tempo, tal era a magia deles" (p. 01), transveste-se. O pai contemporâneo está mais bem caracterizado na versão que este mesmo personagem do conto constitui ao longo da história: o pai que se desdobra para cuidar da filha e trazê-la de volta à vida após os dramas vivenciados. Um pai mais próximo do testemunho que da palavra.

Igualmente, no videoclipe da canção de Stromae (2013), entre os pares de pais e filhos que atuam, discrimina-se o delineamento de pais mais e menos testemunhas. O primeiro par (os carteiros) dança com uma expressão facial tensa e passos grotescos pautadas em movimentos mais bruscos, os quais o filho acompanha com o olhar atento em algumas partes da dança. O segundo par (os lixeiros) baila coordenadamente, como quem ensaiou por muito tempo, e está aparentemente feliz e leve. O último par, por seu turno, apresenta primeiramente uma dança solo do pai, bastante agressiva, até que o filho reage e começa a dançar igualmente ao pai. O segundo par se acerca mais do que se pode esboçar do pai-testemunha em detrimento dos demais. Valendo-se da ambiguidade do termo, pode-se dizer que o par de lixeiros está co-movido um pelo outro. O neologismo é conveniente para dizer sobre o testemunho de um pai, feito que se dá quando o pai toca com seu próprio desejo o desejo do filho.

Stromae (2013) demanda o pai-testemunha ao aludir ao silêncio que confirma um (não)saber de um pai sobre um filho.

Où est ton papa?/ Onde está seu papai? (...)

Sans même devoir lui parler/ Sem nem mesmo precisar falar com ele

Il sait ce qui ne va pas/ Ele sabe que as coisas não vão bem

Ah sacré papa/ Oh, bendito papai

Dis-moi où es-tu caché?/ Diga-me, onde você está escondido? (Stromae, 2013)

Consoante o que aponta Julien (1993), o pai "já não é mais unicamente aquele de quem a mãe fala (o oficial da marinha que percorre os mares, o prisioneiro de guerra durante quatro anos na Alemanha, etc.), se não aquele a quem o filho fala e a quem chama de papai" (p. 25, tradução nossa). Tal pai é o que Stromae (2013) convoca e se faz convocar em sua letra.

Uma (não) conclusão

Testemunhar é assentir ter visto, ouvido ou conhecido. Para tanto, é preciso presenciar junto, vivenciar com o outro. É atestar que experimenta dessa vida desconhecida pelo filho. Visualiza-se no clipe, no personagem principal, um pai que não pulsa, portanto, não convoca a pulsação de seu filho, não dá testemunho do que é insabido. Esse pai faz dueto com o pai contemporâneo. Ainda assim, a despeito da figura acanhada do pai, Wiener (2016) declara: "Parece-me que desse pai, quanto mais se sente saudade, mais falamos dele. É o caso, por exemplo, (...) do (...) Stromae, que um de seus títulos, *Papaoutai* (2013), é uma busca de um pai ruandês que ele não conhecia" (Wiener, 2016, para 35, tradução nossa).

Regressa-se à questão até então no ar: estariam os homens dispostos a se comprometerem com outra vida? O peso da questão se dá em uma medida sociopolítica, portanto, altamente importante. A resposta permanece em aberto para que outros trabalhos possam discutir.

Nota-se ao longo deste trabalho como a debilitação do pai está associada ao Outro social, isto é, ocorre em relação ao discurso social. Mas celebrando o enigma da paternidade, o pai nunca será uma definição clara e coesa. A propósito, Julien admite que a indagação que realmente importa à psicanálise – e ao analisando – não é "o que é um pai?", mas "o que é ter tido um pai?" (1993, p.17, tradução nossa). Tal pergunta inaugura a possibilidade de uma construção narrativa para o sujeito, com a qual ele elabora o alicerce da função paterna para si mesmo (Senna et. al, 2010). Esse pode ser o caso de Stromae (2013) ao escrever a letra de sua música e consentir com o videoclipe projetado – e por que não do sucesso que a música alcançou?

Considerando ousar – pois não há a escuta de um sujeito, mas sim uma leitura de um produto cultural – uma hipótese clínica para o personagem do videoclipe, motivada pelo consumo de uma peça audiovisual, a cena derradeira é intrigante. Nela, a criança, depois de todas as tentativas de invocar o pai, senta-se ao lado dele, que continua hirto, e mimetiza o pai. Nesse instante se produz aquela pergunta feita na canção: "Diga-nos, quem dá à luz aos irresponsáveis?" (Stromae, 2013). Por mimetismo, não por invenção, como a própria letra da música se faz oferecer.

A representação teatral expõe caricaturalmente a identificação histórica masculina. Teixeira (1997) pondera que a estrutura histórica denota a deterioração do lugar do pai, cujo fracasso em transmitir o significativo fálico faz com que sujeito se identifique à falha, processo de inibição. Seria por isso que eventualmente há uma maior emergência da histeria masculina? Isso também seria assunto para outros trabalhos.

Alinhavando as seções textuais, o presente trabalho subverte a interrogação anterior a partir do estatuto do homem e seu quesito viril na contemporaneidade. Pondera-se, pois, o caso de não ter tido um pai ou, ainda que tenha tido, a possibilidade de não ter exercido a paternidade. Variadas vertigens emergem daí, notadamente sociopolíticas, seja no que diz respeito à condição da responsabilidade masculina para com a paternidade, seja no que toca o claudicar do Outro social ao tutelar o pai. Ademais, Lacan conclui que o complexo edipiano é o complexo do pai, revelando não só

a importância, antes a complexidade em torno dessa figura. Portanto, o pai é uma incógnita que sempre se atualiza para o sujeito e para os psicanalistas.

Notas

1. Neologismo francês criado a partir do efeito sonoro gerado pela frase *Papa, où t'es?* (Papai, onde está você?), remetendo a um trocadilho com a palavra *empapouter* que, entre outros, pode ter o significado de enrolar alguém; ficar transtornado com algo; e foder (tanto na conotação sexual, quanto no sentido de foder-se).
2. Fala de Renata Mattos Avril no Seminário Invenções na Clínica e na Cultura organizado online pelo cartel de Maria Lídia Alencar pela Escola Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro (EBP-Rio) em 2020.
3. Os primeiros parágrafos tomam por base a performance da música referida anteriormente contida no vídeo *STROMAE: PAPAOUTAI [live]*, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Y19utF-2Fj8>.
4. Fala de Daniel Costa Lima na Semana do bebê DEGASE – Paternidade e Saúde da Criança, evento online realizado nos dias 08 e 09 de setembro de 2020.
5. Não restringindo esses lugares a uma mulher e um homem, mas cabendo as diversas montagens que as parcerias podem ter.

Referências Bibliográficas

- Ambra, P. (2015). *O que é um homem? Psicanálise e história da masculinidade no Ocidente*. São Paulo: Annablume.
- André, J. e Chabert, C. (Orgs.). (2008). *O esquecimento do pai*. (A. P. B. Arruda, B. Stuchi, C. M. Reis, L. Tarelho, M. Amaral, S. M. C. Marchini e V. G. Garcia, trad.). São Paulo: Edusp. 170 p.
- Assis, M. de (1866, fev.). O pai. *Jornal das Famílias*. Paris: Editora B. L. Garnier.
- Bilac, E. D., Oliveira, M. D., & Muzskàt, M. (2000, out.). O homem de família: Conjugalidade e paternidade em camadas médias nos anos 90. In *Anais do XXIV Encontro Anual da ANPOCS, Petrópolis, RJ*. Recuperado: 10 de outubro de 2020. Disponível: <https://www.anpocs.com/index.php/encontros/papers/24-encontro-anual-da-anpocs/gt-22/gt05-20/4750-elisabetebilac-o-homem/file>
- Brousse, M. H. (2018, abril 16th). Family games. *Lacanian Review Online*, 75. Recuperado: 20 de novembro de 2020. Disponível: <http://www.thelacanianreviews.com/family-games/>
- Dias, M. M. (2013). A falha na transmissão. In Duvidovich, E. (Org.). *Diálogos sobre formação e transmissão em psicanálise*. São Paulo: Zagodoni.
- Flesler, A. (2007a). Los padres y la transferencia. In Flesler, A. *El niño en análisis y el lugar de los padres* (pp. 137-157). Buenos Aires: Paidós.

- Flesler, A. (2007b). Los padres. In Flesler, A. *El niño en análisis y el lugar de los padres* (pp. 43-64). Buenos Aires: Paidós.
- Iglesias, E. L. (2001, dez.). Que pai é esse? *Cógito* [online], 3, 25-28. Recuperado: 10 de novembro de 2020. Disponível: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-94792001000100003
- Julien, P. (1993). El manto de Noé. *Ensayo sobre la paternidad*. Buenos Aires: Alianza Editorial.
- Bernardino, L. M. F., & Kupfer, M. C. M. (2016, set.). A criança como mestre do gozo da família atual: desdobramentos da "pesquisa de indicadores clínicos de risco para o desenvolvimento infantil". *Subjetividades*, 8(3), 661-680.
- Kehl, M. R. (2003). Em defesa da família tentacular. In G. C. Groeninga & R. C. Pereira, *Direito de Família e Psicanálise: Rumo a uma nova epistemologia* (pp. 145-150). Rio de Janeiro: Imago.
- Lacan, J. (1975) *O Seminário, 20: A angústia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1972-1973).
- Lacan, J. (1986). *O seminário, livro 7: A ética da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1959-1960).
- Lacan, J. (1995) *O seminário, livro 4: As relações de objeto*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1956-1957).
- Lacan, J. (2005). *Nomes do Pai*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1963).
- Lacan, J. (2008). *O seminário, livro 16: De um Outro ao outro*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1968-1969).
- Lacan, J. (1998). O estádio do espelho como formador da função do eu. In J. Lacan, *Escritos*. (pp. 96-103). Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1966).
- Quintella, R. (2014, ago.). As funções do pai: pensando a questão da autoridade na constituição do sujeito contemporâneo a partir de um estudo psicanalítico do ideal do eu. *Revista Subjetividades*, 14(2), 284-296.
- Recalcati, M. (2018, set.) O pai – conversa com Massimo Recalcati [Vídeo]. YouTube. <https://www.youtube.com/watch?v=UdGmQQT5nxA&t=3s>
- Santiago, J. (1997, abr.). [Editorial]. Os enigmas do masculino. *Curinga*, 9, 3-6.
- Sayare, S. (2013, out.) *Stromae: Disillusion, With a Dance Beat*. New York Times. Recuperado: 02 de novembro de 2020. Disponível: <https://www.nytimes.com/2013/10/15/arts/15iht-stromae15.html>
- Senna, A., Bar, C., Gomes, M. G., Guilhon, M., & Kupferberg, M. (2010, ago.). O pai na psicanálise. *Revista Primórdios-CPRJ*, 1(1), 91-116.
- Stromae & Kletnoy, S. (Entrevista) (2014, jun.). *The Rest Of The World Loves Stromae...And Soon You Will, Too*. Elle. Tradução livre. Recuperado de <https://www.elle.com/culture/music/news/a15416/stromae-interview/>

Stromae (2013). *Papaoutai* [Música]. Mosaert. Disponível:

https://www.youtube.com/watch?v=oiKj0Z_Xnjc&list=RDoiKj0Z_Xnjc&start_radio=1

Teixeira, M. C. (1997, abr.) Em nome do pai. Enigmas do Masculino. *Curinga*, 9, 7-14.

Vidigal, L. H. (1997, abr.) A paternidade como enigma. Enigmas do Masculino. *Curinga*, 9, 26-31.

Wiener, S. (2016, jan.). Du moment qu'il aime sa mère... *Les Lettres de la SPF*, 35(1), 63-75.

Recuperado: 12 de dezembro de 2020. Disponível: <https://www.cairn.info/revue-les-lettres-de-la-spf-2016-1-page-63.htm>

Citação/Citation: Pereira, J.D., Leitão Paravidini, J.L., Silva Neves, A. (nov. 2020 a abr. 2021). A fina ação do pai. *Revista aSEPHallus de Orientação Lacaniana*, 16(31), 52-68. Disponível em www.isepol.com/asephallus. Doi: 10.17852/1809-709x.2021v16n31p52-68

Editor do artigo: Tania Coelho dos Santos.

Recebido/Received: 10/03/2020 / 03/10/2020.

Aceito/Accepted: 10/28/2020 / 28/10/2020.

Copyright: © 2019 Associação Núcleo Sephora de Pesquisa sobre o moderno e o contemporâneo. Este é um artigo de livre acesso, que permite uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio, desde que o autor e a fonte sejam citados/This is an open-access article, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the author and source are credited.